

Deputados admitem insegurança

Brasília. — A descoberta de um erro de datilografia no artigo 102 do substitutivo ao pacote econômico do governo quebrou o clima de angústia que dominava a maioria dos parlamentares, no salão verde da Câmara, que não sabia exatamente o que iria votar, no início da noite de anteontem. O senador Fábio Lucena (PMDB-AM) dava gargalhadas, anunciando que "esse projeto tem até pornografia". Ele se referia à sigla do Índice de Preços ao Consumidor Ampliado — IPCA que, ao ser datilografado, acabou com o P diante do I.

O relator Raymundo Asfora (PMDB-PA) prometia que ia pedir uma "questão de ordem" para retificações e mandar reimprimir o substitutivo: "Está cheio de erros datilográficos, isso pode dar confusão". Sem se importarem com a troca de letras no substitutivo, alguns deputados, como Eduardo Suplicy (PT-SP) e Dante de Oliveira (PMDB-MT), queixavam-se de não terem tido tempo de ler cuidadosamente o projeto do pacote, confessando que iam votar sem entender com exatidão a matéria.

A insegurança dos parlamentares podia ser traduzida na sugestão de Junia Marise (PMDB-MG): "Nós

abriríamos mão do **jeton** se o presidente convocasse o Congresso extraordinariamente por mais uma semana, nos dando tempo para uma discussão mais profunda sobre esse pacote fiscal". A deputada apontava o relógio do plenário — eram 22h30min — e desabafava que até aquela hora estava procurando "resolver algumas dúvidas".

— Sobre a aplicação de isenção de impostos, por exemplo. Estamos fazendo tabelas de cálculos para ver até onde a população vai se beneficiar. Em tese, a classe trabalhadora vai se dar bem. Mas a coisa fica obscura a nível de classe média.

Junia se referia ainda a um outro ponto obscuro, falando da expressão "leilão" num artigo — do qual não se lembrava o número — que "no futuro" poderia dar margem a uma série de imprevistos. De acordo com a deputada, em lugar de "leilão", a palavra mais correta seria "licitação".

Não era o "samba do crioulo doido". É que, como Junia, poucos conseguiram repetir o que haviam lido. Sem digerir o calhamaço do projeto com o pacote econômico, havia parlamentares que disfarçavam o

mal-estar improvisando piadas "digestivas". O deputado José Maria Magalhães (PMDB-MG) apregoava no plenário que quem aparecesse àquela altura com "um pacote de biscoitos" viraria santo.

E acrescentava: "Como sou do PMDB, não tem jeito, tenho que engolir o pacote nem que tenha indigestão". Com essa decisão, se absteve de discutir sobre o que não entendia, preferindo anunciar que ia dar uma "dormidinha" escondido da liderança. "Volto lá pelas três da manhã, para votar a favor."

Com menos senso de humor, Flávio Bierrenbach (PMDB-SP) andava de um lado para o outro no salão verde, visivelmente angustiado. Admitia que só tinha lido o projeto uma vez, no domingo. "Pela complexidade do tema, a leitura é difícil, altamente técnica e fora do meu ramo". Bierrenbach confessava ainda que não tivera tempo de consultar pessoas especializadas no assunto. Como ele, outros deputados lamentavam o bloqueio das lideranças partidárias às listas de abaixo-assinados que chegaram a correr na Câmara, para adiar a votação